

NARRATIVAS ORAIS DO PANTANAL DO NABILEQUE E DO DA NHECOLÂNDIA

Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira
UFMS/Campus de Dourados

Maria das Dores Capitão Vigário Marchi
UFMS/Campus de Dourados

Na apresentação do trabalho de pesquisa com narrativas orais desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Dourados, apontar-se-á, num primeiro momento, para dados que mostrarão um pouco da história desse estudo. E, num segundo momento, para alguns dos trabalhos desenvolvidos.

Os estudos têm sido ancorados pelo projeto de pesquisa *Narrativas do Homem Pantaneiro*. O projeto tem seu início, efetivamente, em 1993 e seu objetivo primordial é registrar as narrativas orais – as narrativas apontam para um universo, um modo de ser e de viver num tempo e num espaço – de dois pantanais sul-mato-grossenses: o da Nhecolândia e o do Nabileque. Contudo, a primeira coleta de narrativas foi efetuada nas redondezas da Base de Estudos da UFMS no Pantanal, situada no Passo da Lontra (Pantanal do Abobral).

O objetivo dessa etapa, considerada pesquisa piloto, era o de testar a rotina de interação com os possíveis contadores de histórias que facilitaria a produção de narrativas orais e sua coleta. Interessava verificar qual o espaço na vida do dia-a-dia dos pantaneiros reservado para o contar e qual seria o melhor caminho para se chegar a esse espaço. Interessava, também, verificar a eficiência da gravação oral, tanto no que se referia à qualidade das gravações, quanto à sua repercussão na *performance* do contador, isto é, interessava saber se o gravador – a ser utilizado na coleta – inibiria a ponto de dificultar, impedir o desenrolar da ação de contar. Verificou-se que o elemento “estranho” que poderia interferir às vezes era a presença do pesquisador e não a do gravador. Portanto, procurou-se aproveitar um momento em que o pesquisador/entrevistador quase se apagava como elemento estrangeiro – o da *roda de tereré*, de *mate/chimarrão* – momento então eleito por excelência para a coleta das histórias, dos causos. Em cada roda, mais de um contador se manifesta – por vezes, a história é conduzida por mais de um narrador: ora um acrescenta determinados detalhes, ora outro apresenta uma justificativa para o fato. Esses contadores, homens, mulheres são moradores ou de fazendas pantaneiras, ou de cidades vizinhas (Corumbá, Bonito, Porto Murtinho) às regiões rurais pantaneiras investigadas. Os contadores/moradores de fazendas lá estão para trabalhar, acompanhar o dia-a-dia, a lida do campo ou da casa ou para reviver suas experiências – o antigo morador pantaneiro tem, por vezes, dificuldades de se adaptar ao ambiente urbano. Os contadores/moradores das cidades são antigos moradores da região rural pantaneira que se mudaram para a cidade, ou porque não podiam ficar mais na fazenda em que trabalhavam (em razão da aposentadoria), ou porque estão acompanhando filhos, netos.

Nessa primeira etapa da coleta, no contato com as narrativas orais, enfatizou-se a necessidade de se registrar efetivamente todos os “movimentos” que acompanhassem o momento da produção da narrativa, uma vez que o sentido do texto oral é produzido no momento em que a narrativa acontece (...) *a performance põe em presença atores (emissor, receptor, único ou vários) e, em jogo, meios (voz, gesto, mediação)* (Zumthor, 1997:157). Determinou-se então que, na coleta no Pantanal da Nhecolândia e no Pantanal do Nabileque, as narrativas seriam registradas em fitas de vídeo-cassete. No entanto, tendo em vista o espaço em que as narrativas foram coletadas, isso não pode acontecer. As fazendas visitadas não tinham energia, o caminho para se chegar a algumas delas era, parte dele, percorrido, às vezes a pé, outras a cavalo, outras de trator. A coleta foi realizada, então, exclusivamente através de

gravações em fitas cassetes. Cada gravação era acompanhada de anotações feitas pelos pesquisadores. Essas anotações referiam-se a posturas, a olhares, gestos que integram a narrativa e compõem a *performance* do contador. Tentava-se minimizar perdas de elementos que asseguram a construção de cada contar e que, em algumas análises, seriam primordiais.

Apontar-se-á, agora, para alguns dos estudos que têm direcionado os trabalhos/análises desenvolvidos na pesquisa *Narrativas do Homem Pantaneiro*. As análises efetuadas seguem orientações da Semiótica e da Lingüística da Enunciação, e a escolha do texto narrativo oral para análise deve-se ao fato de ser ele o material de investigação crucial para se registrar um saber transmitido que o homem assimila de seus ancestrais no meio ambiente em que vive, uma vez ser o objetivo primordial do projeto, como já foi sublinhado, visualizar as narrativas do homem pantaneiro, com vistas ao registro de um universo lingüístico-cultural – a memória revisita fatos, eventos, cultura.

Exemplificamos alguns dos estudos desenvolvidos: caracterizar os tipos de narrativas contados pelos pantaneiros e o que os diferenciam, identificar as personagens, sobrenaturais ou não, de cada um dos pantanais em que as narrativas foram colhidas, comparar as personagens sobrenaturais dos dois pantanais, comparar as personagens visualizadas nos dois pantanais com as visualizadas em antologias de manifestações populares brasileiras, verificar a relação dos contadores com o espaço pantaneiro, analisar a presença de um diálogo entre a história e a ficção nas narrativas, verificar como o contador persuade o interlocutor estrangeiro a ouvi-lo, analisar como é marcada a veracidade nas narrativas.

Far-se-á daqui em diante algumas considerações em relação a esses estudos. Ao primeiro contato com as narrativas, verificou-se que os contadores, em cada narrativa contada, resgatam as experiências vividas, a história acumulada, guardada pela tradição oral, e um espaço. A narrativa que prevalece é a reportagem em que se contam experiências pessoais – as do narrador, as de um amigo, as de um parente –, acontecidas em momentos anteriores ao da enunciação e que podem ser consideradas não-ordinárias e não-habituais. Mas que eventos, que experiências são recordados, revisitados. Para isso caracterizam-se os tipos de narrativas colhidas e observa-se a presença de dois tipos: os dois são marcados pela presença do fictício, do imaginário – nada impede que fatos extraordinários aconteçam, violando a lei natural. As situações e as personagens são regidas por uma outra lógica diferente daquela que conduz nosso raciocínio. A gênese dessas narrativas forma-se nos extratos da experiência coletiva, no imaginário que nutre os contadores tanto da fantasia do grupo quanto da fantasia individual para gerar mensagens. Entretanto características diferenciam os dois tipos de narrativas: um tem uma aparência de verdade, mas invariavelmente é marcado pelo traço não compromisso com o real e/ou pelo lúdico – provocando o riso, chamado na pesquisa, de *caso grande mentira*; outro, denominado de *caso sobrenatural* tem, tal como o anterior, toda uma aparência de verdade, contudo apresenta invariavelmente elementos do sobrenatural recuperando mitos e lendas.

Cada um deles foi caracterizado detalhadamente em relação à sua organização textual, temas, personagens. Analisou-se a organização da narrativa, seguindo a terminologia de Labov e Waletzky. Verificou-se qual o espaço dado para a *orientação*, momento em que o contador apresenta, para o interlocutor *estrangeiro*, a personagem, o espaço, o tempo, de maneira a seduzi-lo; qual o dado à *complicação* e à *avaliação*, momentos narrativos que corroboram com a eficácia do riso, do humor e/ou do sobrenatural. Analisou-se, também, a estratégia discursiva que preenche o término da história, verificou-se que a maneira como a *resolução* é instaurada nem sempre garante ao interlocutor o término do relato. Verificou-se que os dois tipos de casos nem sempre apresentam a mesma organização textual, por exemplo, quanto à *orientação*, é ela marcada nos *casos sobrenaturais* por elementos que conferem a veracidade dos fatos – em todos os casos sobrenaturais, o que não acontece nos *casos grande-mentira*, percebe-se a necessidade de o narrador mostrar a factualidade do

acontecimento, verifique-se o exemplo a seguir retirado da *orientação* de um *caso sobrenatural*: *Isso foi o capataz da fazenda que me contou. Que isso aconteceu mesmo.* Dependendo do objetivo que se tem, os estudos ou vão focalizando um só tipo de narrativa – ora o *caso grande mentira* ora o *caso sobrenatural* ou vão focalizando os dois tipos. No momento em que se pretende visualizar o universo de personagens sobrenaturais, por exemplo, o que caracteriza as várias personagens que “habitam” os Pantanaís analisados e o que as individualiza, apenas um tipo é abordado. Já no momento em que se analisa a importância do espaço para o pantaneiro, como um elemento de recuperação da memória, os dois tipos de narrativas são averiguados numa leitura cúmplice.

O trabalho de identificação de cada personagem que vai desfilando pelo Pantanal foi orientado ou pelo nome dado à personagem pelo contador ou por traços identificados na figurativização das personagens. E, nessa identificação, verifica-se não serem algumas delas, ao se ter como parâmetro o nome, peculiares apenas à região do Pantanal, citem-se *Mulher de Branco*, *Pé-de-Garrafa*; terem, outras, traços, marcas, tendo aqui como referência a figurativização, que as podem identificar com personagens do universo de manifestações culturais de outras regiões. O *Maozão*, por exemplo, apresenta um fazer similar ao do *Curupira* por atuar sobre aqueles que interferem no seu espaço – surra, impõe medo ou deixa as pessoas desorientadas, *variadas*, perdidas no meio de matas –; o *Pombeiro*, tal como é visualizado nas narrativas construídas no espaço do Pantanal, dá-se a conhecer, assim como o *Saci-Pereré*, pelas figuras *gente*, *nequinho*, *vulto*. Pontue-se, também, que, na identificação das personagens, alguns traços tornam-nas singulares à região do Pantanal – o fato de o *Maozão* manifestar-se na forma de uma *anta* e habitar *aguacuzais* de determinadas fazendas da Nhecolândia e o de o *Pombeiro* ter a habilidade de defender os pantaneiros (tanto os do Pantanal da Nhecolândia quanto os do do Nabileque) que atendem seus pedidos, suas artimanhas faz com que, nas histórias, se manifeste um universo particular que determina o lugar de onde o contador conta, visualiza sua personagem. Na construção das personagens, verifica-se também uma rede de traços que sinalizam para a presença constante do signo do sobrenatural delineando cada entidade. E delineando um espaço.

O espaço mostra-se elemento essencial não só quando se fala em personagens, mas em todos os estudos, em todas as narrativas – e, por isso, apesar de, em alguns trabalhos, ele ter sido tratado com primazia e em outros não, em todos é apontado, referenciado. O espaço, imbricado com o tempo, é personagem constante em cada narrativa. A relação dos contadores com a planície pantaneira com que convivem, conviveram grande parte de suas vidas é estreita e vai sendo detalhada em *cada roda de tereré/chimarrão*, e diz para o interlocutor/estrangeiro a importância desse espaço/paisagem no universo pantaneiro. Nas várias histórias, *aguacuzais*, *carandazais*, *morros*, *morrarias* vão sendo registrados e o narrador testemunha a sua verdade, apresentando-nos um espaço singular que desperta, aguça a imaginação, o mistério. Cada relevo que se evidencia na planície vai construindo o desenrolar da memória. As lembranças do passado, às vezes, são despertadas pela presença ou pela imagem da paisagem – ela facilita o ressurgimento da história vivida, contada. Outras vezes as lembranças, ao serem reconstruídas, não têm como ponto de partida o espaço, mas criam o espaço: o das diferentes formas de paisagem que permanecem fixadas como plano de fundo das histórias. O olhar do narrador, ao percorrer cada história contada, cada canto das fazendas, dos imensos campos, cria cenas que remetem o “expectador” para um espaço, para um tempo e também para o dia-a-dia pantaneiro, para a rotina de um dia de trabalho de uma região. E aqui aponta-se para um outro resultado obtido na pesquisa: o de as narrativas mostrarem-se documentos que apresentam uma realidade, um universo – e um contínuo diálogo entre a história e a ficção. O narrador da Nhecolândia e o do Nabileque, comprometidos com um espaço e um tempo, marcam os seus discursos com elementos que apresentam um coletivo, uma história de um povo – nas narrativas, verifica-se que não só o espaço, mas também a vida do homem pantaneiro, é

resgatada, e, assim, em cada caso, *grande mentira* ou *sobrenatural*, descobre-se um narrador que nos conduz ao desvelamento do pantanal.

Pelas narrativas, percorre-se uma paisagem, experimentando os caminhos do dia-a-dia pantaneiro, passando pela *sede*, *galpão*, *varadouro*, *baía*, e também visualizando a rotina de um espaço, por exemplo, a de *armar a rede*, *levar o gado*, *tomar pinga* com o companheiro de lida, *bagualbar o gado*, *caçar porco do mato*, *tomar tereré*, *bater o machado*.

Quanto à veracidade e à sedução, verificou-se que elas mostram-se sempre entrelaçadas, e podem ser identificadas durante, por exemplo, o momento em que se delineia a *orientação*, a *avaliação* de cada caso contado, ou na atualização de uma escolha de uma retomada para determinada personagem, de um verbo, de um gesto... “Ouvir” as narrativas e registrá-las é uma maneira de reconhecer e conhecer fenômenos que subsidiam a vida, a fantasia, o viver de um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

LABOV, W., WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: JILM, J.(ed.) *Essays on the verbal and visual arts*. Washington: University of Washington, p. 12-44.